



DOI:10.12957/transversos.2019.47298

ReVista
TransVersos

HISTÓRIA, POLIFONIA E VERDADE EM OBRAS SELECIONADAS DE SVETLANA ALEKSIÉVITC.

Daniel da Silva Klein

Universidade Federal do Acre
danielasilvaklein1984@gmail.com

Resumo:

O artigo que aqui se apresenta discute em determinados textos de Svetlana Aleksiévitch como a autora se situa dentro da polifonia, uma escrita romanesca inventada na Rússia do século XIX e traduzida por ela para a contemporaneidade. Seguindo esses passos, se pretende entender como articula seus métodos, dando atenção ao dialogismo e o modo como elabora seu conhecimento, que insere nos processos de pesquisa e escrita suas intervenções pessoais. O debate de fundo que esses elementos geram é como a autora trata os contextos que narra, resignificando as visões tradicionais sobre a verdade e enfrentando a possibilidade de construção de um conhecimento

histórico legítimo sobre o passado e que considere as pessoas, suas vivências e sentimentos.

Palavras-chave: Svetlana Aleksiévitch; Polifonia; Dialogismo; Conhecimento histórico.

Abstract:

The presente article discusses in certain texts by Svetlana Aleksiévitch how the author lies within polyphony, a romanesque writing invented in nineteenth-century Russia and translated by her between the twentieth and the twenty-first. Following these steps, we intend to understand how it articulates its methods, paying attention to dialogism and way she elaborates her

knowledge, which inserts her personal interventions in the research and writing processes. The background debate these elements generate shows the author treats the contexts she narrates, reframing the traditional views about the truth and facing the possibility of building a legitimate historical

knowledge about the past that takes into account people, their experiences and feelings.

Keywords: Svetlana Aleksievitch; Polyphony; Dialogism; Historical knowledge.

Apresentação

O nome de Svetlana Aleksievitch circula pelos meios acadêmicos e literários desde a década de 1980, mas é inegável que seu renome tenha se ampliado significativamente com o prêmio Nobel de Literatura de 2015, tendo sido traduzida para diversos idiomas. Das muitas possibilidades de leitura que sua obra motiva, uma delas se dá com suas propostas de método e teoria historiográfica, tendo em vista que lida com o passado, entrevistas e a própria escrita histórica.

Dentre as passagens dela sobre essas relações é quando afirma que as realidades passadas são inacessíveis, mas a compreensão de suas verdades é possível. Isso acontece mediante o cruzamento de suas referências presentes nos sentimentos, nas versões contadas pelas pessoas e no nascimento de uma imagem sobre o passado que se faz a partir daí. Assim ela não gostaria de ser compreendida como uma mera contadora de histórias e que seus personagens fossem vistos apenas como pessoas reais, isso porque não está escrevendo só “sobre a guerra, mas sobre o ser humano na guerra. Não estou escrevendo a história de uma guerra, mas a história dos sentimentos. Sou uma historiadora da alma” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 18).

A subversão que ela propõe é atacar a lógica fria das ciências sociais como um todo, porque mesmo adentrando profundamente no século XXI algumas conceituações herdeiras do positivismo do XIX persistem. A primeira delas é procurar estruturar o texto historiográfico de maneira neutra, academicamente palatável e enquadrado em regras impessoais. Outra, porém, é de fundo mais subliminar: vincular essa escrita, resultante das pesquisas, a uma teoria social de mundo, geralmente idealizada.

Durante sua carreira, conviveu com várias propostas que foram dominando as cenas acadêmicas e que flertavam hora com essa neutralidade e hora com idealizações de mundo estruturantes. Na década de 1980 um notório defensor da limpeza ideológica das humanidades foi Louis Althusser, que acreditava ser o marxismo uma ciência que atingiu esse feito. Para ele as disciplinas de História, Antropologia, Sociologia e etc não conseguiram se desvincular dos seus aparatos ideológicos de defesa do modo de produção do capital. Somente o marxismo oriundo dos textos de um Karl Marx maduro, experiente, é que produziu de fato uma ciência neutra, isso porque pressupunham não mais a justificação do capitalismo, mas a superação de todo e qualquer poder de classe. A proposição teórica em um mundo desprovido de diferenças sociais fazia do marxismo, portanto, isento de qualquer posição ideológica (ALTHUSSER, 1979; 1994; 2007).

Subjaz aí uma ideia, de que as ciências humanas devem ter como meta a produção de explicações sem intervenções sentimentais, ideológicas ou das visões particulares do pesquisador. Essa postura somente seria possível em uma teoria que pressunha a libertação de suas amarras sociais. Os livros de Svetlana Aleksievitch seguem numa outra direção, tendo em vista que defendem justamente uma subjetivação das verdades através de um método de pesquisa que dedica atenção ao contato pessoal, contendo interações próximas entre pesquisador e pesquisado.

A insistência de seguidos pensadores em defender essas posições estavam atreladas a uma teoria social de mundo, que geralmente idealiza os contextos. O comunismo vira um paraíso da igualdade ou o capitalismo o espaço vital das liberdades sem fronteiras. Um dos exemplos que podem ser alinhados nesse sentido é o de Fredric Jameson, que vincula suas interpretações sobre a pós-modernidade como estrutura a uma teoria idealista de globalização, que seria, nas suas palavras:

Um momento do capitalismo, ou um terceiro momento do capitalismo. Um capitalismo globalizado, que é o que estou chamando de pós-modernidade, e ela traz consigo vários tipos de mudanças, não se vai como um estilo, estaremos na pós-modernidade por muito tempo. É uma terceira estrutura do mercado e assim por diante. Agora, claro, um lado visível da emergência da pós-modernidade foi o triunfo das pessoas no mercado livre. De Reagan, da Sra. Thatcher, do *The Economist* e assim por diante (JAMESON, 2013).

O vínculo está justamente no desejo de atrelar uma interpretação sobre a pós-modernidade com esse projeto de mundo, que é em suma um elogio a vitória do

capitalismo, entendido como o triunfo das pessoas em um mercado livre. Essas vinculações têm sentido político, que no caso da citação acima é muito explícito.

A proposta é, portanto, demonstrar que Svetlana Aleksievitch elabora um trabalho de teoria e metodologia da história (podemos dizer que das ciências humanas) que extrapola essas ideias platônicas sobre os contextos estudados. O diálogo vai no sentido de tornar evidente que ela traz para o campo da escrita sentimentos, falas, intimidades e outros elementos que fortalecem a compreensão da história. Dessa feita, parte-se primeiro para uma teorização sobre seus fundamentos para, em seguida, elucidar questões a respeito de suas investigações sobre as verdades.

Um modo de conhecer vindo da Rússia.

Do antigo império russo Fiódor Dostoiévski elaborou uma forma de escrever romances que perpassou décadas, influenciando autores e ajudando na conformação de Svetlana Aleksievitch. Antes de seguirmos adiante convém, porém, entendermos esse método literário conhecido como polifônico. Nele as fronteiras entre a ação e coerções sociais sublimam-se, adentram em um fluxo complexo de relações entre personagens interdependentes, emergindo nesse processo não só um modelo de escrita, mas uma maneira de compreender a própria formação do social.

Os comentaristas de Dostoiévski já perceberam que esse método extrapola a esfera literária, como bem observou Paulo Bezerra, isso porque o romancista pega uma *persona* histórica e a convencional como personagem e nessa tradução não esquece da autonomia da criatura no mundo real. Assim, o universo criado é plural, não havendo uma consciência una e indivisa, mas interações de muitas consciências unas, detentoras de valores, interagindo, preenchendo com suas vozes as lacunas e que não se objetificam perante os discursos de outros falantes, nem mesmo do autor (BEZERRA, 2013, p. X).

A sugestão sobre a irredutibilidade da pessoa advinda da polifonia é parte fundamental desse método. Mikhail Bakhtin afirma que Dostoiévski, ao criar o romance polifônico, não colocou limites em sua obra e que ela não se subordina a nenhum esquema histórico-literário comumente aplicados aos romances europeus. O herói aí possui uma voz tão irredutível quanto a do autor, ou seja, ambos são plenos (BAKHTIN, 2013, p. 5). Sobre como se extrai uma teoria social da polifonia, Bakhtin afirma:

Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Roskólnikov, Míchkin, Stavróguin, Ivan Karamázov, o Grande Inquisidor e outros. Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévski se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiévskianos. Entre elas, as concepções filosóficas do próprio autor nem de longe figuram em primeiro lugar (BAKHTIN, 2013, p. 3).

Os dramas e vivências narrados em *Crime e castigo*, *Os irmãos Karamázov*, *Os demônios* e outros textos demonstram que os heróis têm competência ideológica e independência, sendo autores de uma concepção filosófica e, ainda com Bakhtin, não apenas objetos da visão artística do autor. A teoria social fica, portanto, evidente, porque a sugestão é quase óbvia. Se há esse arranjo complexo dentro do texto e este é apenas uma pequena parte de uma dada interpretação sobre o mundo histórico, é de se supor que esse seja ainda mais elaborado, contendo pessoas produzindo suas visões e em relação constante com outras.

Mesmo um estudioso tradicional como Joseph Frank, que escreveu uma biografia monumental sobre Dostoiévski e preocupada com os dilemas clássicos das escolas históricas do século XIX, de saber de fato como se passaram as coisas, entende que há na obra desse autor russo um dilema polifônico a ser compreendido. Escreve que o que chama atenção nesse trabalho literário é que seus personagens produzem ideias filosóficas tão arraigadas, que se tornaram parte de suas personalidades.

A genialidade de Dostoiévski estaria em sua capacidade de inventar ações e situações em que as ideias dominam, mas sem tornar o comportamento alegórico. Informa que ele coloca na pena uma imaginação escatológica, ou seja, põem os pensamentos em ação e as segue até as últimas consequências sendo que seus personagens reagem a elas de acordo com os padrões morais e sociais comuns dos seus meios. Seria a fusão desses dois níveis que proporciona a esses romances tanto sua amplitude imaginativa quando sua fundamentação realista da vida social (FRANK, 2018, p. 15).

A presença dessa teoria social, contudo, só fica evidente se acionarmos como chave o gatilho de sua existência a interação que existe entre essas *personas* reais, heróis ou personagens com as outras, ou seja, as relações sociais. Bakhtin nomeia esse gatilho, que coloca em funcionamento a polifonia, de dialogismo, que são as relações onde as pessoas

elaboram suas interpretações e as confrontam, cruzam, concordam, discordam e questionam inclusive em seus discursos interiores (BAKHTIN, 2013, pp. 309-310).

É nesse funcionamento social das regras polifônicas chamado de dialogismo que os indivíduos se tornam responsáveis pelos seus atos, ou seja, todos os momentos vivenciados devem estar penetrados por essa unidade de responsabilidade presente na orientação das ações vindas desse conjunto de ideias. Bakhtin propõe que tomemos como exemplo dessa chave dois parceiros de uma comunicação discursiva, um falante e o ouvinte. Nos diz que o ouvinte, quando compreende o significado, passa a ocupar uma posição responsiva: concorda, discorda, completa aquilo que ouviu, aplica-o, repassa adiante, questiona internamente e etc. E, a partir daí, toda “compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, pp. xxxii-xxxiv e p. 271). As engrenagens que movem a polifonia, portanto, são movimentadas constantemente pelo dialogismo, que questiona, assim, a tão arraigada noção de dialética:

A ideia em Dostoiévski nunca renuncia à voz. Observe-se que é radicalmente equivocada a afirmação segundo a qual os diálogos em Dostoiévski são dialéticos. Nesse caso, deveríamos reconhecer que a ideia autêntica em Dostoiévski seria uma síntese dialética, por exemplo, a tese de Raskólnikov e a antítese de Sônia, a tese de Aliocha e a antítese de Ivan, etc. Semelhante concepção é profundamente absurda. Ora, Ivan discute não com Aliocha mas antes de tudo consigo mesmo, e Aliocha não discute com Ivan enquanto voz única e integral mas interfere no diálogo interior dele, procurando reforçar-lhe uma das réplicas. Não se pode falar em síntese nenhuma; pode-se falar apenas da vitória dessa ou daquela voz ou da combinação de vozes lá onde elas são acordes. Para Dostoiévski, o último dado não é a ideia como conclusão monológica, ainda que dialética, mas o acontecimento da interação de vozes (BAKHTIN, 2003, p. 200).

O dialogismo que emana de Dostoiévski é distinto da dialética de Platão nesse sentido, porque no filósofo grego a multiplicidade de ideias se apagam na síntese finalista. Obviamente que Bakhtin não esquece que dessa síntese emerge outras etapas, mas o processo de emudecimento das vozes permanece quando um discurso se apresenta como vencedor. Informa que na dialética, “todas as relações hierárquicas de reciprocidade entre os indivíduos cognoscentes, geradas pelos diferentes graus de sua comunhão na ideia, acabam se extinguindo na plenitude da própria ideia” (BAKHTIN, 2003, p. 200).

Ao compreender a polifonia de Dostoiévski, Bakhtin encontra, portanto, a gênese desse conhecimento vindo do leste europeu. Se no romancista russo há uma irreduzibilidade das vozes do autor e dos heróis no mundo do livro, na sociedade

podemos, portanto, ter uma contrapartida ao entendermos como irredutíveis as instâncias individuais e coletivas das relações sociais permeadas pela infinitude do dialogismo. Svetlana Aleksievich dá continuidade a esse romance polifônico, tendo em vista que seus textos são decididamente voltados a abertura de espaços para essas vozes irredutíveis, que ela mesmo afirma possuírem um valor literário inestimável.

Na sua trajetória reconhece que aprendeu a colocar em prática um romance construído a partir de muitas vozes com Aliés Adamóvitch e seu *Eu venho de uma vila em chamuscas* (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 11), mas vai além do mestre, porque segue à risca a lógica polifônica de Dostoiévski. Segundo Orlando Figes, Adamóvitch sucumbe a sua própria voz e intercala as falas dos seus interlocutores com comentários analíticos seus enquanto Aleksievich não (FIGES, 2016). Seus textos trazem relatos de pessoas que entrevistou ao longo de vários anos, organizando-os de maneira temática, identificando-as com nomes (em algumas vezes há omissões quando os temas são críticos demais ao *status quo* vigente no leste europeu), idade e profissão. Ela diz que encontra narradores formidáveis, que falam de uma forma que rivalizam com as melhores páginas dos clássicos, nos reafirmando justamente o caráter irredutível de suas falas porque ao contar sobre algo criam, escrevem, acrescentam e reescrevem passagens (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 13).

A produção de seus livros provem, portanto, de uma lógica que entende a polifonia como uma teoria social, tendo em vista que lida com as pessoas como produtoras de seus mundos e interpretações. Assim, ela procura justamente traduzir na escrita o dialogismo presente tanto no social que estuda quanto naquilo que escreve, porque ela passa

Muito tempo sentada em casas ou apartamentos desconhecidos, às vezes o dia inteiro. Bebemos chá, experimentamos blusinhas recém-compradas, discutimos cortes de cabelos e receitas. Olhamos juntas as fotos dos netos. E então... Depois de certo tempo, nunca se sabe quando nem por quê, de repente chega aquele esperado momento em que a pessoa se afasta do cânone – feito de gesso e concreto armado, como nossos monumentos – e se volta para si. Para dentro de si. Começa a lembrar da sua vida... É preciso capturar esse momento. Não deixar passar! (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 14).

O processo de continuidade dado por Aleksievich se clarifica: ela nos expõe como montou um método de pesquisa para lidar com o dialogismo da polifonia. O seu texto não entrecorta os relatos com análises extensas suas porque a autora entende que ali estão expressas essas falas de si, dotadas de uma consciência plena e não objetificada. Para se

chegar a essas falas, todavia, é preciso manter um longo diálogo interpessoal muito cuidadoso, próximo e íntimo. Não podemos deixar de notar que há nesse trecho uma proximidade com aquilo que diz Walter Benjamin em alguns argumentos de suas teses *Sobre o conceito de história*, de que a verdadeira imagem do passado perpassa veloz e o historiador deve estar sempre alerta, de prontidão, porque ele não se deixa fixar e “traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes?” (BENJAMIN, 1993, p. 223).

Se as pessoas são dotadas de vozes conscientes e plenas de si, Aleksiévitich considera que elas também são capazes de expor não somente as verdades que nos circundam, mas, também, aquela interior. Logo ela não se interessa pelo “próprio acontecimento, mas o acontecimento dos sentimentos. Digamos assim: a alma do acontecimento. Para mim, os sentimentos são a realidade”. Seguindo esse raciocínio, adiante encontramos o sinônimo de história, realidade passada. Então, as pessoas seriam capazes de expor algo da longa história humana, porque “em cada um de nós há um pedacinho da história. Um tem meia paginazinha, outro tem duas ou três. Juntos, estamos escrevendo o livro do tempo. Cada um grita sua verdade” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 19). Expressa-se aqui a noção de que na teoria social advinda da polifonia, as pessoas são elas agentes conscientes e capazes de fazer história e que são, também, portadoras de partes importantes dessa trajetória.

Ou seja, há uma noção de que além de serem executoras das histórias que vivem, as pessoas trazem consigo esses próprios contextos, sendo elas capazes de contar sobre o que se passou. Aleksiévitich escreve procurando nas vidas domésticas das pessoas algumas migalhas da história desse socialismo soviético interior, porque é lá que tudo acontece. E lá existem várias linguagens capazes de exprimir a construção do social desde aquelas infantis, passando pela do amor e as que “falamos conosco mesmos, construindo nossas conversas interiores” (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, p. 20 e 26).

A verdade das falas e ações.

Como vimos a polifonia é uma noção de que tanto no mundo literário quanto no social as personagens/pessoas são dotadas de motivações irreduzíveis, que são acionadas em relação com as outras no dialogismo onde interagem, conversam, divergem, concordam, enfim, interpretam essa troca mantendo suas visões sem suprimir o outro (a

supressão ocorre se a vida do outro for interrompida, mas esse é outro assunto). Algo que fica latente é que se as pessoas agem socialmente de maneira organizada e são capazes de orientar suas ações, sendo assim responsáveis pelos seus atos, logo aquilo que fazem produz sentidos que contêm verdades.

Não se trata de considerar uma noção de verdade aos moldes galileanos, que a historiografia desde há muito já não credita como factível e utilizável (CHARTIER, 2002, pp. 82-83), mas outra, contextual, oriunda desse complexo de execução do social por parte das pessoas envolvidas em um dado tempo e espaço. As verdades estão, portanto, ali presentes nas lógicas dos argumentos de uma socialização verbal, nos gestos, atividades materiais, ou seja, no processo de construção do social. Svetlana Aleksievitch não se cansa de se surpreender com o quão interessante é a vida humana comum e sua quantidade impressionante de verdades, olhando para a história não a procura de fatos, mas desses elementos (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, p. 24). Numa conversa sua com alguém de dentro do aparato do Kremlin, ouviu sobre isso:

Quem sabe a verdade? Eu tenho a opinião de que a verdade pode ser buscada por pessoas especialmente formadas: juízes, cientistas, padres. Todos os demais estão sob o domínio de suas ambições... de suas emoções... (pausa). Eu li os seus livros... Você faz mal em confiar assim no ser humano... na verdade humana... A história é a vida das ideias. Não são as pessoas que escrevem, é o tempo que escreve. E a verdade humana é um prego em que cada um pendura o seu próprio chapéu (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, p. 160).

Esse interlocutor é dos que creem na verdade como algo vivo, que tem uma vida própria dentro do tempo e coagindo o ser humano. Ela está lá, existe por si, as pessoas apenas se referenciam nela e, para alcançá-la, somente indivíduos devidamente reconhecidos e estudados podem ter esse acesso. O sumo de uma verdade tradicional se apresenta e não interessa a Aleksievitch, porque ela faz parte de outra escola de pensamento.

Essa escola não é um grupo coeso de pensadores que atuam dentro de um projeto em comum, mas têm objetivos similares e pensam em recolocar no campo da narrativa essas verdades contextuais. Podemos dizer que existe nesse grupo disperso uma meta, que é montar uma explicação coerente, que não falsifique as verdades e seja adequada a uma dimensão correta da execução de um dado contexto. Assim, Svetlana Aleksievitch deixa claro que os heróis de seus livros, sentimentos e acontecimentos neles descritos são reais e ela busca essa realidade processual, o que transparece na lógica de seu texto, que

é andante, construtivista. Esse construtivismo se verifica na participação de Aleksievitch no texto escrito, porque se situa dentro dele selecionando, perguntando, enfim, participando da ampliação dessa subjetivação das verdades.

Como as verdades também estão contidas nas lógicas de suas exposições, elas estão arraigadas nos textos e permanecem questionando o poder vigente. Trazem desassossego a própria autora, que em certa ocasião teve que sair de seu país, a Bielorrússia, para se refugiar na França porque o parrudo presidente Lukashenko lhe censurou, proibindo a circulação de todos os seus trabalhos (ALEKSIÉVITCH, 2016 c). Outro autor do leste europeu que pode ser situado nesse arco é o polonês de Varsóvia Jan T. Gross, que lida com relatos orais e publicou um dos livros que mais questionam os poderes daquela região, *Vizinhos: o extermínio da comunidade judia de Jedwabne* (GROSS, 2016).

Trata-se de um livro onde se contam histórias que falam de um crime acontecido na Segunda Guerra Mundial, o massacre de judeus na aldeia de Jedwabne e que foi realizado por poloneses. Apesar da narrativa verossímil, do apreço visível de Gross com as fontes, esse pequeno livro lhe trouxe muitos problemas. Um deles, em 2016, é que foi posto em cheque por um tribunal na Polônia, onde foi investigado e houve uma batalha legal contra a ‘verdade histórica’ do livro.

Na ocasião, Gross alertou que esse ato era perturbador, político e uma corte judicial não seria o lugar onde as questões das relações judaico-polonesas deveriam ser debatidas daquela forma. O principal motivo alegado para o processo não era o fato dele discutir o assassinio dos judeus, mas que o historiador estava prejudicando a reputação do país com algo tão banal (ADERET, 2016). É possível que esse debate judicial tenha se avolumado e não podemos deixar de tecer uma ponte dele com a lei aprovada pelo parlamento polonês em fevereiro de 2018, que proíbe que sejam veiculadas na mídia acusações de que poloneses tenham contribuído para o massacre dos judeus na Segunda Guerra. Na ocasião o vice primeiro-ministro da justiça, Patryk Jaki, chegou a dizer que aquele era um sinal ao mundo de que não permitiriam insultos a Polônia (HERVEY, 2018).

A questão de fundo não era duvidar da pesquisa de Gross, mas simplesmente negar sua circulação em detrimento de uma dada ordem ético-moral. Antes de abordarmos Svetlana novamente, cabe uma breve exposição sobre as repercussões metodológicas de Gross, que irão elucidar como esse arco de historiadores trabalham com as verdades

contextuais. Apesar desse olhar de Gross para com as verdades de um assunto espinhoso, Robert Darton o coloca dentro daquilo que chama de analista de incidentes.

Um analista de incidentes é aquele pesquisador que foca numa estória e acompanha seu desenrolar ao longo do tempo, se perguntando sobre a diferença entre fato, ficção e qual a verdade das interpretações divergentes. Essa preocupação com a constituição acadêmica de um evento e a história de sua narração através da opinião pública, meios de comunicação e memória coletiva distingue esses analistas incidentais dos microhistoriadores como Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e outros, porque ela não lida com uma reconstrução sistemática dos mundos sociais (DARTON, 2005, p. 292 e 294).

Segundo Robert Darton, Gross seria o mais importante de todos os anatomistas dos incidentes, porque através de suas evidências demonstrou que mil e seiscentos judeus foram mortos em Jedwabne por poloneses no final de 1941. Ao fazer isso, ele obrigou um país inteiro “a se confrontar com sua cumplicidade nas atrocidades que foram infligidas sobre a maior parte de seus habitantes, e a reavaliarem o curso de sua história, ao longo de todo o século XX” (DARTON, 2005, p. 295) Uma contradição nessa situação de Gross como um analista dos incidentes é porque ele fica ladeado no meio de autores que pensam na historiografia como apta a utilizar dos mesmos dispositivos da ficção, porque não existiriam versões definitivas dos eventos, mas suas variações sem fim em cada relato (DARTON, 2005, p. 302).

Jan T. Gross, por seu lado, não se preocupa em como as versões sobre o massacre de Jedwabne reverberaram nos meios de comunicação e quais as variações das interpretações que se produziram aí, mas em saber qual a responsabilidade dos poloneses na colaboração com os nazistas. Ele diz que para responder esse objetivo não precisou de um refinamento metodológico especial, porque descreveu com uma minúcia cuidadosa a cota de responsabilidade de cada um na construção desse contexto. A questão não seria quebrar as metodologias, mas ser prudente em descrever quem fez o quê e sob ordens de quem no massacre de dez de julho de 1941 (GROSS, 2016, p. 21 e pp. 35-36)

Se Gross faz ou não parte da microhistória, ou se é ou não um analista dos incidentes como quer Robert Darton, isso não seria uma questão de fundo no conjunto do trabalho desse historiador polonês. A questão que se coloca é que ele procura estabelecer as verdades de um evento, descrevendo-o de maneira micrológica e utilizando para tanto um método tradicional de pesquisa historiográfica. Não faz, em nenhum momento, qualquer possível menção de que não há versões definitivas sobre o que se deu nessa

aldeia polonesa. Sobre seu método de pesquisa, Gross falou em 2001 que seguiu três regras simples: respeitou a cronologia, jamais usou uma visão atual do que foi o passado e sempre pesquisou em documentos originais (SHEPHARD, 2012, p. 15).

O respeito de Gross pela cronologia se dá, inclusive, nos minutos que se desenvolvem no evento, questionando até mesmo as memórias subjetivas para encontrar nelas dados objetivos. Exemplo dessa prospecção é o uso que fez da narrativa de Julia Sokolowska, onde identificou o nome de quinze pessoas que tomaram parte ativa na matança. Uma de suas conclusões é que o Holocausto foi um fenômeno heterogêneo que de um lado pode ser explicado sistemicamente, dentro de um grande plano previsto de antemão, mas que por outro também deve ser entendido como um mosaico composto por episódios discretos, improvisado por pessoas responsáveis por tomarem decisões ao nível local, baseadas em vários motivos (GROSS, 2016, p. 85 e p. 110)

Svetlana Aleksievitch guarda em sua obra elementos que dialogam com Gross, encontrando-se com ele na medida em que procura as verdades de um contexto, mesmo usando fontes orais, que tradicionalmente são vistas como vacilantes. Gross procura nas fontes orais até mesmo dados objetivos, mas Aleksievitch quer algo maior, porque é na memória que as pessoas guardam dois narradores, aquele que conta algo no presente e a pessoa que era na época em que aconteceu aquilo que é rememorado. Esse ato de contar inclui, também, a pessoa do ouvinte e aí se produz a subjetivação da verdade porque os documentos provenientes dessa pesquisa são vivos, moventes, mas que, mesmo assim, são capazes de oferecer um conhecimento necessário (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, pp. 16-17). Esse conhecimento é feito com dezenas de vozes e não cabem numa estreita fórmula metodológica dos vencedores, porque ela não quer saber como os *partisans* soviéticos venceram esta ou aquela ofensiva, por exemplo, mas entender aquilo que nomeia como acontecimento do espírito (ALEKSIÉVITCH, p. 61).

Esse entendimento tem um rigor de método, que é essencialmente subjetivo. Ela segue pistas, faz anotações e vai além do estabelecimento de um fato particular, tentando saber – e se assustar – com o que a pessoa entendeu a respeito do passado. Assim, introduz na historiografia uma história dos sentimentos,

Uma história da alma... Não é a história da guerra ou do Estado, e não é a historiografia dos heróis, mas a história do pequeno ser humano arrancado da vida comum e jogado na profundidade épica de um acontecimento enorme. Na grande História (ALEKSIÉVITCH, p. 62).

Mas extrair essas impressões pessoais sobre o mundo se mostrou uma tarefa quase difícil, porque se deparou com um mecanismo de defesa por parte dos narradores, um autocontrole a respeito do que é dito e operando uma espécie de correção habitual (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, p. 133). Fica evidente, portanto, que o trabalho com as verdades contextuais se estabelece em planos tridimensionais, aliando um complexo conjunto de pesquisas com fontes que lidam dentro dos aspectos sociais e individuais, sendo que a problematização delas por parte do historiador deve ser participativo, atento, questionador. Destarte delinea-se duas categorias de verdades com as quais Aleksiévitich e Gross trabalham, não sendo elas contraditórias, mas complementares e interdependentes, aquelas factuais, objetivas, e as gerais, subjetivas.

Conhecendo as verdades e seus contextos.

A interpretação das verdades é sempre algo subjetivo, porque depende do processo de leitura presente nas relações sociais como ficou evidente na polifonia, mas dela se pode extrair dados objetivos. Dentro dos trabalhos de Svetlana Aleksiévitich é possível se distinguir os níveis de verdades, sendo aquelas vinculadas com a cronologia e factual mais tradicional uma das mais importantes. No começo de seu *O fim do homem soviético* (ALEKSIÉVITCH, 2016 b) há uma cronologia escrita sobre a queda da União Soviética, seus acontecimentos e a nomeação das figuras de grande poder que tomaram parte nesses cenários.

A construção dessa cronologia segue os padrões clássicos da historiografia, porque os acontecimentos têm começo, meio e fim claros, ou seja, são entendidos como dados objetivos e que merecem atenção quando se pensa em compreender a queda de um dos maiores impérios do século XX. Mesmo sendo um aspecto mais conservador de Aleksiévitich, nota-se uma interpretação subjacente que tenta debater com os especialistas nesse assunto. Nesse livro a decadência começa com a morte de Stálin em março de 1955, passa pela invasão da Hungria no ano seguinte, a expulsão do literato Alexander Soljenítsin em 1974 e pela dissolução da União Soviética em dezembro de 1991. O final, porém, não está nesse ponto, porque a liberalização da política de preços na Rússia em 1992 eleva a inflação e dá início a um processo que elege Vladimir Putin (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, pp. 11-18).

Mais adiante, nesse mesmo livro, é possível lermos como a autora constrói uma outra cronologia, que mistura essa tradição historiográfica com narrativas memorialísticas a respeito da morte do general Seguei Fiódorovitch Akhromiêiev. Ao que indicam os indícios, ele teria se suicidado e seu corpo foi encontrado em 24 de agosto de 1991 por um dos seus oficiais. O desenrolar do relato que segue mistura reportagens de jornais da época, falas da filha mais nova, recortes de programas televisivos e a última carta do general. Esses documentos dão detalhes de como foram os últimos tempos vividos pela família, o registro de seu desconforto com o final do império soviético e o surgimento do anticomunismo entre seus antigos camaradas (ALEKSIÉVITCH, 2016 b, pp. 149-152).

Os acontecimentos sobre esse general são descritos cronologicamente, mas as informações já não aparecem de forma objetiva, mas reunidas de uma maneira que lembram pessoas falando sobre esse passado, ou seja, se vimos a busca de dados objetivos em relatos subjetivos, aqui temos o inverso. A sugestão de Aleksiévitich em juntar essas duas formas de estabelecimento de cronologias é que os dados objetivos dos eventos entendidos encadeadamente possuem verdades que devem ser levadas em conta, mas que elas não se sublimam com a subjetivação das narrações, muito pelo contrário, a memória acentua ainda mais as verdades construídas no contexto passado e as presentes no ato de recontar.

Se o estabelecimento de verdades cronológicas e factuais é um elemento importante no texto de Aleksiévitich, aquelas que se vinculam a uma exploração das mais gerais, subjetivamente atreladas aos modos como as pessoas interpretam sua construção social de mundo, se tornam o maior foco da autora. Pode-se dizer que ela é uma especialista nesse setor.

Retomando as próprias observações de Aleksiévitich, de que “em cada um de nós há um pedacinho da história”, o que chama a atenção em seus livros são os relatos de dor que reuniu, transcreveu, analisou, enfim, tratou de expor. As verdades nessas falas subjetivas, guardadas em memórias de longa data, são diretas como são as de Junia Selénia sobre a Segunda Guerra. Ela lembra-se de sua tia Katia, que viu seu irmão levar um tiro na cabeça pelos nazistas e ter lhe dito que “Quebraram a cabeça dele, e eu juntei o cérebro com a mão. É branco, branco...” (ALEKSIÉVITCH, 2018, p. 33).

Essa história, lembrada décadas após o evento, traz à tona como era construído parte daquele conflito, demonstra os dramas vividos e, sobretudo, faz emergir imagens

que revivem o passado. A força dessas observações verdadeiramente subjetivas são tão incisivas, que chegam a ter precisão cirúrgica na criação de um quadro explicativo sobre o período, ou seja, diferente das verdades factuais, essas são contextuais, mais abertas e não menos importantes. O contexto da violência executada pelos soldados da SS estão expressos nas memórias de Vera Nóvikova, que tinha treze anos na época da guerra em que viu essa execução:

Enforcaram minha prima... O marido dela era comandante de um destacamento *partisan*, e ela estava grávida. Alguém delatou para os alemães, eles vieram. Mandaram todos para a praça. Ordenaram que ninguém chorasse. Ao lado do soviete rural crescia uma árvore alta, eles levaram o cavalo para lá. Minha prima estava de pé sobre o trenó... Ela tinha uma trança longa... fizeram a forca, ela tinha uma trança longa... fizeram a forca, ela tirou a trança. O cavalo arrancou com o trenó, ela começou a girar... As mulheres começaram a gritar... gritavam sem lágrimas, gritavam só com a voz (ALEKSIÉVITCH, 2018, p. 78).

As fontes do período, para usarmos uma linguagem mais própria do ofício historiógrafo, estão presentes nessa narração. Ela contém a perseguição aos líderes comunistas, a particular perversidade da SS e uma execução exemplar, que deixava claro aos membros da resistência *partisan* soviética o que enfrentariam. Tudo isso está contido dentro dessa história de perspectiva eminentemente pessoal, permeada de subjetivação, mas plena de verdades. Essa plenitude vai além na dor expressa por Vássia Sigaliov-Kniázev, que tinha apenas seis anos e viu sua mãe ser executada pela SS. Como todos em sua família eram *partisans*, espancaram sua mãe até a morte na frente dos moradores do povoado em que morava. Ele viu toda a cena e guardou o momento em que foi jogada em uma vala, lembrando “que o vento levantou o vestido da minha mãe quando ela caiu na trincheira” (ALEKSIÉVITCH, 2018, p. 143).

A intimidade violada dessa mãe marcou tanto a criança quanto a cena violenta da tortura brutal que presenciou, tanto é assim que muitos anos depois do ocorrido lembra-se do fato com uma riqueza de detalhes muito densos. Esses acontecimentos do espírito que Aleksiévitich investiga deixam traumas e transformam a vida das pessoas, afetando seu modo de viver. Lúria Karpóvitich diz que certa vez, na Segunda Guerra, viu um trem do exército alemão passar por cima de dormentes humanos, esmagando-os. Ele alerta que viu o que não deve ser visto nessa e noutras ocasiões, o que o fez crescer

sombrio e desconfiado, tenho uma personalidade pesada. Quando alguém chora, não fico com pena, ao contrário, acho mais fácil, porque eu mesmo não sei chorar.

Me casei duas vezes, e nas duas a minha esposa foi embora, ninguém aguentou muito tempo. É difícil me amar. Eu sei... Eu mesmo sei... (ALEKSIÉVITCH, 2018, p. 197).

Além das verdades contextuais presentes nesses casos exemplares do texto de Aleksievitch, as avaliações pessoais de como as pessoas se encontram mentalmente têm, também, a capacidade de produzir um conhecimento válido. É possível notarmos, noutro sentido, que a autora procura deixar explícita as racionalidades contidas nesses acontecimentos do espírito. Como discutimos, os dilemas de uma historiografia ancorada em uma verdade galileana já não são mais factíveis, mas as noções de verdades não devem ser abandonadas e sim re-significadas, porque mesmo uma subjetivação pode modificar vidas inteiras. Dos muitos exemplos sobre isso que poderíamos trazer dos textos de Aleksievitch, temos o de Vera Jdan, que tinha catorze anos quando começou a guerra.

Ela diz que tem medo dos homens, porque com sua mãe viu seu pai e o irmão cavarem o próprio túmulo e serem fuzilados. Dias depois elas duas foram obrigadas a enterrarem os corpos deles dentro dessa cova, que estava toda enlameada após algumas chuvas. Jdan conta que

Pegamos nossas pás, cobrimos a vala com terra e choramos. E eles diziam: 'Quem chorar vai levar um tiro... Sorriam'. Eles nos obrigaram a sorrir. Eu me curvei, um deles se aproximou e espiou meu rosto para ver: eu estava sorrindo ou chorando?

Estavam de pé... Todos homens jovens, bonitos... Sorriam... Eu já nem estava com medo dos mortos, mas dos vivos. Desde aquela época tenho medo de homens jovens...

Não me casei. Não conheci o amor. Tinha medo: vai que dou à luz um menino (ALEKSIÉVITCH, 2018, p. 219).

O trauma vivido por Jdan e sua mãe foi algo subjetivo, experimentado dentro de seu íntimo, ou seja, em sua esfera psicológica. Mas sua fala expressa justamente a via de mão dupla, interdependente entre essa esfera e a perversidade nazista, tudo isso em torno de um sorriso forçado. O que resultou disso? Objetivamente falando, ela não quis ter filhos. O seu filtro consciente colocado para enfrentar esse problema foi não ter se envolvido com ninguém a ponto de gerar uma vida, que poderia nascer um menino. Uma interpretação subjetiva, individual de uma verdade vivida produziu uma lógica racional, que direcionou objetivamente a vida de Jdan que não teve herdeiros.

Os exercícios que podem ser elaborados a partir dos livros de Svetlana Aleksievitch se mostram inesgotáveis e suas interpretações também contribuem para a ampliação

desse debate sobre as verdades, tendo em vista que elas aparecem no texto dentro do fluxo das narrativas, criando com seus interlocutores teses e interpretações ativistas sobre o passado. No *A guerra não tem rosto de mulher* (ALEKSIÉVITCH, 2016) fica claro esse ativismo, porque o livro é uma alusão de que é a história que não tem rosto de mulher.

Essa correlação é acentuada pelo fato de que já aconteceram milhares de guerras e nelas prevalecem as vozes masculinas, ou melhor, das prisões de falas que são as representações e sensações dos homens sobre a guerra. A União Soviética tomou parte ativa na Segunda Guerra mundial com milhões de soldados, sendo as mulheres um contingente importante nesse grande movimento humano, mas somente Svetlana Aleksievitch fazia perguntas sobre esse tema a sua avó, mãe e outras. Ela percebeu que sobre isso elas “estão caladas”. E se, de repente, comessem a lembrar da guerra, não contavam uma história feminina, mas a masculina, seguindo o cânone.

Esse outro conhecimento feminino sobre a guerra, essa outra verdade oculta, só aparecia mediante o trabalho ativo, militante e cuidadoso de Aleksievitch em problematizar as falas dessas narradoras. Essa problematização deveria ocorrer fora das paredes secas da academia, mas nas casas, após as lágrimas escorrerem em conversas de amigas. Nesses momentos é que esse cânone era quebrado, porque as mulheres contam algo que não

estamos acostumados a ler e escutar: como umas pessoas heroicamente mataram outras e venceram. Ou perderam. Qual foi a técnica e quais eram os generais. Os relatos femininos são outros e falam de outras coisas. A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. E ali não sofrem apenas elas (as pessoas!), mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que vivem conosco na terra. Sofrem sem palavras, o que é ainda mais terrível (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 12).

As lógicas dessas outras falas, que trazem aspectos soterrados dos contextos, e que são de suma importância para a compreensão dos processos históricos de construção do social, só emergem mediante a pesquisa militante de Aleksievitch. Ela não esconde que nos relatos que transcreve há uma parte de sua mão como pesquisadora e longe de diminuir o conhecimento advindo daí, isso o enriquece. Debatendo com os relativistas pós-modernos, Carlo Ginzburg relembra um evento que cabe como exemplo aqui e encerramento dessa seção, porque naquele momento, numa mesa acadêmica nos Estados

Unidos, um dos palestrantes alertou que seria impossível se fazer, no campo da historiografia, uma distinção entre narrativas históricas das imaginárias.

Ao longo do debate que se seguiu, uma estudante indiana questionou esse palestrante sobre esse ponto dizendo que: “Sou mulher, mulher do Terceiro Mundo, e o senhor vem me dizer isso?” (GINZBURG, 2002, p. 38). Penso que para ela estava óbvio que em seu cotidiano, por causa de seu gênero, ela se confrontava com situações reais de depreciação da sua condição feminina e elas seriam plenamente distinguíveis de meras retóricas imaginativas.

A distinção de uma narrativa histórica, como os problemas enfrentados por essa mulher indiana, são acessíveis ao trabalho militante do pesquisador. Ginzburg comenta que essa militância está em todas as etapas da pesquisa, inclusive na redação final de um texto. O autor italiano chama isso de conhecimento construtivo e conclui dizendo que a projeção dos desejos do pesquisador não contradiz o princípio de realidade, ou seja, “O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível” (GINZBURG, 2002, p. 44).

Considerações finais.

Após o final da União Soviética, o período de transição envolvendo as guerras no Golfo, Balcãs, os atentados nas Torres Gêmeas, a ascensão da China e etc, não é mais possível pensarmos em uma metodologia historiográfica que seja oriunda de visões idealizadas de mundo. Svetlana Aleksievitch traduz uma teoria que se adequa nessa colcha de retalhos, demonstrando como a polifonia pode evidenciar as múltiplas vozes que orientam a construção do social e não se vincula a projeções neutras sobre as ciências.

Carregado de sentimentos, os trabalhos da autora jamais serão isentos de uma tomada de partido e isso não a impede de elaborar críticas mordazes aos períodos que estuda, nem mesmo de apresentar interpretações inquietantes a respeito dos costumes, crenças e etc. Ao invés de enfraquecer sua busca pela devida explicação das verdades passadas, essa subjetivação amplia os enfoques e enriquece os dados discutidos.

O marco que ela estabelece no campo historiográfico é sua abordagem construtivista da pesquisa militante, que alia uma relação ao mesmo tempo próxima entre pesquisador e pesquisado com uma problematização atenta à forma como se conduz uma entrevista. A única ressalva é que fica impossível avaliar o alcance efetivo dessas propostas, tendo em vista que a tradução dela no Brasil é um fenômeno recente. Por outro

lado, é possível afirmarmos que possuímos uma nova referência para os estudos sócio-culturais.

Bibliografia

ADERET, Ofer. **Historian may face charges in Poland for writing that poles killed jews in Word War II**. 2016. Disponível em: <https://www.haaretz.com/world-news/europe/premium-historian-may-face-charges-for-writing-that-poles-killed-jews-in-wwii-1.5454793>. Acessado em 13 out. 2019.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 b.

_____. **Uma conversa com Svetlana Aleksievitch por Ana Lucic**. 2016 c. Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Uma-conversa-com-Svetlana-Aleksievitch>. Acessado em 11 out. 2019.

_____. **As últimas testemunhas: crianças na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Ler o capital**. São Paulo: Zahar Editor, 1979.

_____. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

_____. **Política e história. De Maquiavel a Marx**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

BEZERRA, Paulo. **Prefácio: uma obra à prova do tempo**. In: BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DARTON, Robert. História, eventos e narrativa: incidentes e cultura do cotidiano. In: Revista **Varia história**, Belo Horizonte, vol. 21, n. 34, pp. 290-304, julho, 2005.

FIGES, Orlando. **A nova história de Svetlana Aleksievitch: um quadro sombrio da Rússia contemporânea.** Novembro de 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-historia-de-svetlana-aleksievitch/>.

Acessado em: 10 out. 2019.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: um escritor em seu tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GROSS, Jan T. **Vecinos: el exterminio de la comunidad judia de Jedwabne.** Barcelona: Editorial Planeta, 2016.

HERVEY, Ginger. **Polish senate approves holocausto law.** 2018. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/polish-senate-approves-holocaust-law/>. Acessado em 13 out. 2019.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo ou pós-modernidade?** Jul/2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nSNAhib3B_M. Acessado em: 28 out. 2019.

SHEPHARD, Ben. **A longa estrada para casa.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Daniel da Silva Klein: Docente de Teoria da História da Universidade Federal do Acre. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

Como citar este artigo:

Klein, Daniel da Silva; "HISTÓRIA, POLIFONIA E VERDADE EM OBRAS SELECIONADAS DE SVETLANA ALEKSIÉVITC. " .In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: RELIGIÃO E MUDANÇA SOCIAL ". N° 17, Dezembro, 2019, pp. 203-221 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.47298